

A "TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA" COMO NOVA POSSIBILIDADE DOCENTE: OS ÍNDIOS DO PASSADO E DO PRESENTE

HELENA AZEVEDO PAULO DE ALMEIDA¹
UFOP

RESENHA

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo: Contexto, 2011. 124 p.

De acordo com a lei 11.645, promulgada em 2008, o ensino de cultura e história indígena e afro-brasileira são de cunho obrigatório para o ensino básico. No entanto, infelizmente, a maioria das escolas brasileiras ainda não conseguiu ser bem-sucedida, tanto quanto à atualização dos professores para tal, como quanto para conseguir criar espaço no currículo obrigatório para que este objetivo seja atingido. Para o primeiro problema, no entanto, o caminho se coloca na transformação.

O livro *A Temática Indígena na Escola: subsídios para os professores*, escrito a quatro mãos por Pedro Paulo Funari e Ana Piñon, foi lançado em 2011, mas como trabalho diferenciado que é, vale a releitura. Primeiramente, os autores: Ana Piñon, também autora do livro *Brasil, Arqueologia, Identidad y Origen* (2008), é titulada mestre pela Universidad Complutense de Madrid, enquanto Pedro Paulo Funari é

¹ Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, onde atualmente cursa o mestrado em História. É pesquisadora do Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade (NEHM / UFOP). E-mail: helenoca@gmail.com.

Doutor em arqueologia pela Universidade de São Paulo e professor titular da Universidade Estadual de Campinas, além de ser um dos responsáveis pelo Laboratório de Arqueologia Pública – Paulo Duarte (LAP), que tem por intenção utilizar da arqueologia como fonte para o desenvolvimento de educação patrimonial, diretamente voltado ao público não acadêmico. Assim, com as intenções adjacentes ao laboratório, o livro toca diretamente aos professores de ensino básico, ou mesmo amantes da cultura, interessados em entender o papel do índio na construção da história do Brasil.

O livro, então, se apresenta apenas em 124 páginas, o que infelizmente dá apenas o passo introdutório em um assunto rico e emblemático: a história do índio apresentada em sala de aula². No entanto, os autores apresentam de maneira direta, principalmente pela linguagem fluída e menos focada em contextualizações conceituais, vários pontos essenciais a serem problematizados para os alunos que muitas vezes estão longe de um contato direto com qualquer etnia brasileira. Primeiramente, o livro apresenta em “Os professores e a temática indígena”, seu primeiro capítulo, a instigante indagação de Jaime Pinsky: “somos, na visão reproduzida em muitas escolas, brancos de cultura branca” (*apud* FUNARI e PIÑON, 2011, p. 10), o que significa dizer que não há espaço para a diversidade que se apresenta cotidianamente diante dos olhos de qualquer pessoa.

Assim, “As Identidades” dos europeus e indígenas são apresentadas no segundo capítulo, de forma a demonstrá-las como construções e não essências naturalizadas, ponto que se mostra significativo no ensino de história. Assim, já que somos frutos de uma identidade construída, tomamos parte da desnaturalização de inúmeros preconceitos enraizados cotidianamente em nossa contemporaneidade. A apresentação de uma cultura indígena matrilinear elevada também se apresenta como oportunidade de desmitificar o papel da mulher e a construção de uma imagem indefesa e fraca, perante uma sociedade patriarcal colonial. Outro ponto, essencial na atualização do professor em relação ao tema, é o apontamento da diversidade no que tange à(s)

² Ressalto que, embora o livro se apresente como uma proposta de estudos introdutórios, ao final da leitura, os autores fazem indicações de leitura para maior aprofundamento dos temas, além da bibliografia utilizada.

cultura(s) indígena(s), explicitando que esses grupos étnicos não podem ser entendidos a partir de uma unicidade. Quer dizer, mesmo a sociedade brasileira deve ser entendida como uma construção, já que, antes de cidadãos, os que aqui se encontravam eram súditos de um império! Revela-se, assim, a ideia de que uma sociedade homogênea é autoritária, apenas se apresentando dessa forma para padronizar o comportamento e associar desvios à repressão.

“Os Índios” se apresentam no terceiro capítulo de uma forma bastante didática, não apenas no que tange ao currículo escolar, mas também na explicação da heterogeneidade ligada aos grupos. Primeiramente, os autores apresentam uma proposta para estudar os índios, e sua definição. Assim, por meio do “olhar antropológico”, o índio é desnaturalizado e colocado sem o *véu* do senso comum, tão presente em uma contemporaneidade onde temos tantas certezas e poucas dúvidas; afinal, sabemos de tudo. Ou seria o contrário? De forma bastante direta, afinal, uma das intenções dos autores é utilizar uma linguagem fácil e com poucos rodeios, a essência do livro é evidenciada: apresentar novos horizontes a partir de experiências não vividas pelos leitores, por meio de uma tentativa de produção de presença³ a partir das descrições de como os índios não devem ser colocados tão distantes do convívio escolar e da própria existência da sociedade brasileira.

Ainda, outro ponto diferencial no que tange à tematização do índio em sala de aula é a metodologia aplicada em apresentá-lo no período pré-cabralino. É claro que os grupos étnicos são trabalhados em um momento “pré-histórico” na grande maioria dos livros didáticos, mas os apontamentos deixam a desejar, principalmente no que tange à colonização do Brasil e às possíveis trajetórias dos índios dentro do continente americano, o que mostra a possibilidade de não serem tratados como os “autóctones” tão frequentemente mencionados. Um ponto que, infelizmente, não é discorrido com maior profundidade é o que se apresenta como “O Estatuto Jurídico dos Indígenas”, mas

³ Entende-se aqui que a *produção de presença* “num primeiro movimento, busca libertar-se da autodefinição hermenêutica predominante nas ciências humanas para, em seguida, imaginar terrenos conceituais alternativos, não hermenêuticos e não metafísicos, que introduzem no cerne dessas mesmas ciências o que o significado não pode transmitir”. Para leitura mais aprofundada, ver Gumbrecht (2010).

entende-se que seja uma temática problemática para ser desenvolvida em ambiente escolar.

“A Escola” se torna objeto do capítulo seguinte, mas mais precisamente a escola indígena, que é demonstrada de forma a respeitar as especificidades de cada etnia específica, mostrando ao aluno da escola tradicional de ensino básico o porquê das diferenças, na tentativa de trazer o respeito pela diversidade à presença do cotidiano escolar. Considerando o respeito à diferenciação, aspecto que se mostra muito caro aos autores em todo o decorrer do texto, o surgimento da escola ocidental é apresentado a partir da atuação dos jesuítas em solo colonial, seguido pelo tema da oposição entre o índio idealizado e o índio combatido, dualidade presente durante o século XIX, apresentada pela contrariedade entre os ideais românticos, defendidos por Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, e opositoriais, como Adolfo Varnhagen, apresentando, assim, a relativamente disseminada opinião de que os indígenas estariam em decadência.

Após então conturbada relação entre indígenas em combate a diversificados processos civilizatórios, o último capítulo adentra “A República”, de forma a apresentar outro ponto diferencial do livro: a presença de um índio contemporâneo e que muitas vezes ainda é negligenciada. A figura do índio na escola moderna, então, deve ser repensada, posto que os próprios alunos percebem os indígenas ainda sob a sombra de um indivíduo colonial, muito distante da atualidade. Talvez seja essa a crítica que os autores gostariam de atingir: a de que ainda existe uma distância efetiva entre os diferentes grupos sociais brasileiros, sejam indígenas, brancos ou negros. Diferença essa que só pode ser ultrapassada pelo esclarecimento, proveniente de uma educação diferenciada e múltipla.

Referências bibliográficas

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. **A temática indígena na escola**: subsídios para os professores. São Paulo: Contexto, 2011.

GUMBRECHT, Hans U. **Produção de Presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

PIÑON, Ana. **Brasil, Arqueologia, Identidad y Origen**. Mar del Plata: Suárez, 2008.

Recebido em: 06/05/2015 * Aprovado em: 18/05/2015 * Publicado em: 30/06/2015
